Aquele RelÃ³gio de Ouro

by Sesil Mariko

Category: Diabolik Lovers/ãƒ‡ã‚£ã‚¢ãƒœãƒªãƒƒã‚¯ãƒ©ãƒ´ã‚¡ãƒ¼ã‚º
Genre: Drama, Romance
Language: Portuguese
Characters: Reiji S., Yui K.
Status: In-Progress
Published: 2016-04-10 03:40:20
Updated: 2016-04-10 03:40:20
Packaged: 2016-04-27 20:50:24
Rating: M
Chapters: 2
Words: 5,694
Publisher: www.fanfiction.net
Summary: Em meio aos caprichos de seu pai e conflitos com o irmÃ£o, um jovem aspirante a cientista se vÃª acorrentado Ã um labirinto de sentimentos apÃ³s esbarrar com uma humilde professora de catequese. JÃ¡ nÃ£o fosse o bastante, um passado tenebroso assombra o coraÃ§Ã£o do homem de olhos cor-de-sangue. Afinal, como pode o desprezo transformar-se em amor?

1. Encontro ao acaso

A sala de aula era imensa, foi o primeiro pensamento que passou pela cabeÃ§a do jovem prodÃ-gio ao se dirigir Ã sua carteira, ignorando os olhares curiosos, julgadores e - que a paciÃªncia estivesse ao seu lado - assediadores que os alunos do lugar, a maioria garotas com os hormÃ´nios Ã flor da pele, lanÃ§avam-lhe.

Com um suspiro, tomou o lugar ao lado da janela, de onde escapava uma brisa agradÃ¡vel para balanÃ§ar os fios de seus cabelos escuros acinzentados. Pegou um caderno de dentro da maleta e um minÃºsculo estojo cilÃ-ndrico, cujas dimensÃµes pareciam mesmo enfatizar que apenas uma fina caneta seria capaz de caber ali.

Ouviu risadinhas e passos silenciosos que o fizeram virar a cabeÃ§a para o lado, justamente para reparar duas alunas que andavam timidamente em sua direÃ§Ã£o. Erro de principiante. O rapaz franziu o cenho e deixou uma simples mensagem nas profundezas de seu intimidador olhar: "Mantenha distÃ¢ncia".

E com isso as pobres moÃ§as retornaram aos seus respectivos acentos, ambas tremendo de pavor.

Verdade seja dita, Sakamaki Reiji nÃ£o gostava nem um pouco de socializar. Ao menos, nÃ£o com qualquer pessoa que considerasse "abaixo" de seu padrÃ£o social. E ainda que seu pai o tivesse matriculado na melhor faculdade do JapÃ£o, o comportamento de supremacia que o adolescente carregava desde a infÃ¢ncia sÃ³ o

permitia olhar para o mundo de cima para baixo.

Reiji tinha plena consciÃªncia de suas habilidades e status, alÃ©m do fato de que estava, aos seus dezoito anos de idade, em uma faculdade de medicina profissional. Era verdade que poderia pagar o curso com se, mas ainda assim, sendo quem Ã©, resolveu ostentar a bolsa que ganhou com base em suas notas. Do Fundamental ao Ensino MÃ©dio, todas 100% impecÃ¡veis.

O rapaz sorriu com autoconfianÃ§a segundos antes da professora passar pela porta e exigir silÃªncio, se dirigindo especificamente Ã alguns estudantes que se divertiam brincando de jogar bolinhas de papel uns nos outros.

Reiji ajeitou os Ã³culos em um gesto de nervosismo perante a ignorÃ¢ncia alheia.

"Francamente, onde aquele homem me meteu"

* * *

><p>As aulas progrediram sem qualquer contratempo. Reiji fazia suas anotaÃ§Ãµes com tamanho perfeccionismo que deixariam qualquer aluno modelo com inveja. E de fato, um ou outro veterano tentava se aproximar para "ter uma conversa" com o calouro, mas ninguÃ©m conseguia pronunciar uma palavra coerente a partir do momento em que este os fitasse com seu olhar de frieza e superioridade. Eram poucos os quais tinham coragem para sequer cogitar se aproximar dele, sendo que o prÃ³prio sobrenome do rapaz era suficientemente intimidador.<p>

Por fim, o Ãºltimo alarme do dia foi soado, e os estudantes estavam dispensados. Como esperado, havia uma limusine na frente do prÃ©dio aguardando pacientemente pelo gÃªnio Sakamaki, que nÃ£o esperou nem um segundo a partir do momento em que o chofer abriu a porta.

Quando o carro jÃ¡ estava adentrando pelos portÃµes da mansÃ£o, Reiji desviou seus olhos do caderno de quÃ-mica para observar a paisagem atravÃ©s da janela. A residÃªncia da famÃ-lia Sakamaki era, por unanimidade, a construÃ§Ã£o mais bela e respeitada nÃ£o sÃ³ da cidade, mas tambÃ©m de todo o estado. Quem estivesse visitando pela primeira vez, poderia confundi-la com o castelo de um monarca, por seu estilo colonial e arquitetura sino-oriental. Uma morada que era alvo da admiraÃ§Ã£o de todas as pessoas. Exceto, talvez, uma.

Reiji desviou da janela quando sentiu a limusine frear, seguido do som das trancas do carro se soltando. Quando saiu, comeÃ§ou calmamente a subir a escada, onde no topo, o mordomo o recebeu com um sorriso.

â€“ Konnichi wa, Reiji-sama.

O rapaz olhou de soslaio para o servente, sem demonstrar expressÃ£o alguma, e esperou que a porta fosse aberta para caminhar atÃ© a sala de estar, onde se deparou com a mesma cena costumeira: seu irmÃ£o mais velho, Shuu, esticado preguiÃ§osamente sobre o sofÃ¡, com sua respiraÃ§Ã£o tÃ£o lenta e silenciosa que era quase um desafio saber se estava ou morto, ou entregue ao sono.

Reiji olhou-o por um momento, seus olhos cor-de-vinho exibindo uma

raiva e descontentamento que fazia questÃ£o de reservar somente para o "amado" irmÃ£o.

Shuu pareceu finalmente se dar conta da presenÃ§a do mais novo, pois abriu o olho direito e mirou-o de volta, mas nÃ£o com qualquer sentimento de odiosidade, senÃ£o com claro desinteresse. Reiji, ao perceber ter sido pego em flagrante, virou rapidamente para o outro lado e comeÃ§ou a andar em direÃ§Ã£o Ã cozinha, jÃ¡ que ordenara aos empregados que preparassem algo do cardÃ¡pio da tarde para quando chegasse da faculdade.

O mais velho, vendo-o se afastar, levantou-se com ar de quem nÃ£o tem mesmo pressa nenhuma e andou calmamente atÃ© a cozinha, seus passos pesados davam a impressÃ£o de que haviam bolas de chumbo amarradas aos sapatos.

â€“ Ei... â€“ comeÃ§ou, sua voz grossa fazendo eco pelas paredes da cozinha.

Reiji estava prestes a se sentar para saborear alguns Anpans preparados pelo cozinheiro, mas se deteve antes de puxar a cadeira.

â€“ O que foi? â€“ perguntou sem olhÃ¡-lo nos olhos.

â€“ Aquele homem mandou uma carta. â€“ Shuu respondeu sem rodeios enquanto passava uma das mÃ£os pelo cabelo que caÃ-a sobre suas Ã-ris azuis.

â€“ E? â€“ o acinzentado pareceu tÃ£o indiferente quanto se estivesse ouvindo sobre o tempo. â€“ Ele estÃ¡ sempre mandando cartas.

Shuu se inclinou perto da mesa para alcanÃ§ar a bandeja de pÃ£es.

â€“ Acho que vai gostar dessa em particular... â€“ comentou colocando o anpan entre os dentes, mastigando vagarosamente e engolindo logo depois. â€“ EstÃ¡ na mesa da sala de estar.

â€“ Vou fazer quando terminar minha refeiÃ§Ã£o. â€“ disse Reiji, fitando o loiro quando este estendeu a mÃ£o para pegar outro doce. Shuu sorriu maliciosamente quando percebeu que o havia irritado, e se retirou do cÃ´modo.

O mais novo se esforÃ§ou para nÃ£o deixar-se abalar com o comportamento do irmÃ£o.

â€“ VocÃª nunca vai mudar, afinal... â€“ murmurou para si mesmo em voz baixa, cruzando os braÃ§os perante ao nervosismo. Se afastou da mesa e foi em direÃ§Ã£o a sala de estar. De alguma forma, aquele diÃ¡logo o havia tirado a fome.

Quando chegou perto da mesa de centro, que ficava entre dois sofÃ¡s e uma poltrona, notou imediatamente a carta, e ao segurÃ¡-la, pÃ´de ler claramente a assinatura de seu pai no canto esquerdo inferior.

Sakamaki Karlheinz.

â€“ Tch... â€“ chasqueou, como se o simples nome fosse suficiente

para tornar aquela tarde ainda pior.

Abriu a carta e tirou o papel com a mensagem. NÃ£o tinha muitas expectativas, mas mesmo assim nÃ£o conseguiu evitar sentir-se curioso, jÃ¡ que a Ãºltima coisa com que aquele homem se importava era lembrar aos filhos que existia. Mesmo que eles desejassem realmente esquecer.

ApÃ³s o tÃ©rmino da leitura, um adolescente de Ã-ris rubras se ergueu irritado da poltrona, deixou - melhor dizendo, jogou furiosamente - a carta no piso amadeirado e subiu as escadas, amaldiÃ§oando o nome de certo remetente por baixo da respiraÃ§Ã£o.

Encostado em uma pilastra no primeiro andar, o irmÃ£o mais velho soltou uma risada discreta ao ouvir o bater de uma porta. Sinceramente, a reaÃ§Ã£o de Reiji fora barulhenta, mas prazerosa o suficiente para fazÃª-lo tirar um dos fones e aproveitar o espetÃ¡culo.

* * *

><p>Em seu laboratÃ³rio, o irmÃ£o mais novo tirou o paletÃ³ e pendurou-o em um cabideiro de prata. Apoiando as mÃ£os na mesa, o suor frio escorria por sua testa, acompanhando o ritmo do ranger de seus dentes. Karlheinz... como ele ousa!<p>

Um trovÃ£o ecoou pela casa e o despertou de seu transe. SÃ³ agora percebeu o quanto estava chovendo. Tomando ar para acalmar seus impulsos, o prodÃ-gio comeÃ§ou a desabotoar a camisa do uniforme.

Quando saiu do quarto, vestia um casaco preto, estilo trincheira militar, com uma camisa branca por baixo, mas que deixava a mostra suas golas. Continuava com a calÃ§a marrom escura do uniforme. Agora, tambÃ©m tinha um guarda-chuva negro no punho esquerdo.

Desceu as escadas com tamanha pressa que nem sequer se incomodou em reclamar com Shuu sobre dormir entre os degraus. NÃ£o estava com cabeÃ§a pra isso. Saiu pelos fundos, que davam para a garagem, e abriu o guarda-chuva antes que qualquer gota se atrevesse a molhÃ¡-lo.

Saindo da mansÃ£o, comeÃ§ou a caminhar sem rumo pela calÃ§ada, a cabeÃ§a erguida, como mandava o seu orgulho, mas em realidade, nÃ£o estava em sua melhor conjuntura no momento.

Afinal, a notÃ-cia de que seu pai estava sequer cogitando a possibilidade de uma mudanÃ§a drÃ¡stica como aquela era demais! Aquele velho controlador nÃ£o iria obriga-lo a sair do JapÃ£o. Ao menos, nÃ£o para comeÃ§ar a morar em outro paÃ-s **junto **Ã ele.

Lembrou-se da expressÃ£o de Shuu ao contar sobre a carta. A expressÃ£o preguiÃ§osa e indiferente de sempre. Ã‰ claro, um Bom-pra-nada como ele nem deve se importar com as vontades daquele homem desde que nÃ£o precise levantar um dedo. Mas Reiji nÃ£o era assim. NÃ£o se submeteria tÃ£o facilmente como uma marionete.

Foi despertado de seu devaneio por outro trovÃ£o, e quando olhou em volta, descobriu-se em um pequeno parque, com piso de pedras, e

diversos canteiros com flores diversas por toda a extensÃ£o. Mas o que realmente o surpreendeu foi uma Igreja construÃ-da no centro.

Seus olhos se arregalaram. Como era possÃ-vel que nunca tivera visto aquilo?! Certo, nÃ£o era uma construÃ§Ã£o grande - devia ter menos da metade do tamanho da mansÃ£o - porÃ©m continuava sendo perfeitamente perceptÃ-vel. Nem mesmo havia se afastado tanto de casa...

Foi quando o jovem gÃªnio olhou alÃ©m do parque que reparou que nunca antes tinha estado naquela rua. As casas eram de arquitetura simples, tradicional da classe mÃ©dia baixa, mas possuÃ-am uma beleza humilde, para o padrÃ£o.

Mas isso nÃ£o fazia o menor sentido! A residÃªncia na qual morava ficava, sem exageros, no local mais afastado geograficamente de qualquer outra casa, inclusive as da elite. Seria impossÃ-vel que ele tivesse ido tÃ£o longe. Voltou a inspecionar o local, procurando por qualquer caracterÃ-stica familiar, sem sucesso.

Estava perdido.

Afastou levemente a franja da testa enquanto buscava pelo celular no bolso. Discou o nÃºmero do motorista da limusine e levou o aparelho atÃ© a orelha.

â€“ Quero que venha me buscar. Minha localizaÃ§Ã£o Ã©... â€“ seus olhos se estreitaram para conseguir identificar o que dizia em uma placa perto dali. â€“ Um parque na rua Yanagui. NÃ£o demore.

No instante em que desligou, respirou fundo e procurou manter a calma. O lugar estava isolado, e sozinho, resolveu dar uma volta para clarear as ideias.

Qual poderia ser o motivo daquela carta? Karlheinz nunca teve o compromisso de estar presente na vida dos filhos. Desde que os deixou para viajar a negÃ³cios, o mÃ¡ximo de sua "paternidade" era mandar um cheque monetÃ¡rio todo mÃªs, provavelmente para evitar ser preso caso seus descendentes morressem de fome.

Pouco importava. NÃ£o obrigaria Reiji a sair do paÃ-s, e muito menos voltaria para tentar convencÃª-lo. NÃ£o Ã© como se um magnata como aquele precisasse dele e de seu irmÃ£o. Para ele, nada era mais importante que o dinheiro.

"Nada..." a palavra ressonou na mente do acinzentado "Ele jamais se importou. Por que se importaria agora?" inconscientemente, uma expressÃ£o que misturava ira e decepÃ§Ã£o se formou em seu rosto. "Jamais... Nem mesmo quando... Quando..."

Subitamente, uma lembranÃ§a tomou o controle de seus pensamentos. Uma mulher de longos cabelos loiros escuros e pele clara, trajada de um vestido cor carmesim estilo vitoriano, com babados pretos nas mangas e na saia. Estava caÃ-da no gramado, exibindo manchas de sangue sobre suas roupas e cicatrizes na pele. Mas havia algo errado... Ela nÃ£o possuÃ-a face.

NÃ£o... ele nÃ£o queria se lembrar daquela face...

â€“ Droga... â€“ murmurou, apertando as pÃ¡lpebras com forÃ§a,

tentando apagar completamente aquela memÃ³ria.

De repente, ele sentiu seu peito bater contra algo, e por reflexo, seus olhos se arregalaram. Sentiu como seu peso o puxava para trÃ¡s e como o guarda-chuva escapava de suas mÃ£os. NÃ£o demorou para que suas costas se encontrassem com o chÃ£o duro e molhado, o que o fez soltar um grunhido de dor.

â€“ Preste atenÃ§Ã£o por onde anda... â€“ comeÃ§ou, apoiando as mÃ£os no solo para tentar se levantar, ato que foi completamente esquecido quando o rapaz finalmente olhou para frente e encarou a pessoa com quem trombou.

Uma menina.

CaÃ-da em frente Ã ele, se recompondo pela mesma queda. A pele, tÃ£o pÃ¡lida como se feita de porcelana. Seus cabelos loiros levemente embaraÃ§ados eram claros, como delicados raios de sol, terminando pouco abaixo de seus ombros. Sua estrutura era esguia, e envolta pelas gotas, parecia delicada como o prÃ³prio vidro. Mas nada despertou mais a curiosidade dele do que seus olhos.

Vermelhos, como os dele. Ainda assim... havia algo diferente. Mesmo com o tom semelhante, ele sabia dizer que eram opostos.

A jovem demonstrou estar tÃ£o chocada sobre a situaÃ§Ã£o quanto ele, mas conseguiu ignorar a vergonha e olhÃ¡-lo nos olhos, como manda a educaÃ§Ã£o. JÃ¡ de pÃ©, estendeu a mÃ£o para ajudÃ¡-lo a se levantar.

â€“ Sumimasen, sumimasen! Eu estava com um pouco de pressa e... Me distraÃ- enquanto andava... Sumimasen! â€“ ela se desculpou diversas vezes antes de perceber que ele nÃ£o se movia.

Eh? Ele estava zangado com ela? Fechando os olhos por um momento, a garota repreendeu-se mentalmente. Obviamente ele estava zangado, ela foi a desastrada que o derrubou.

Reiji permaneceu estÃ¡tico, rejeitando o arrepio que tomou conta de sua pele quanto a voz dela chegou em seus ouvidos. Era como a combinaÃ§Ã£o de sinos de uma catedral, badalando em perfeita e melodiosa harmonia.

Perceber que ele a observava jÃ¡ comeÃ§ava a deixar a menina envergonhada, ainda que ela tambÃ©m se sentia hipnotizada pela figura daquele estranho. Suas bochechas enrubesceram atÃ© ela tomar coragem e falar novamente.

â€“ E-Etto... â€“ gaguejou, tentando esconder o rubor com a mÃ£o livre. â€“ Me deixe ajuda-lo...

O rapaz piscou algumas vezes antes de estender a mÃ£o para tocar a dela.

â€“ Ã‰ o mÃ-nimo que pode fazer. â€“ falou seco, jÃ¡ erguido. â€“ Qualquer que seja a razÃ£o de sua pressa, nÃ£o Ã© justificativa para agir de forma tÃ£o desatenta.

â€“ Eu sei. â€“ ela curvou-se respeitosamente. â€“ Onegai, aceite minhas desculpas.

Ele ajeitou os Ã³culos antes de mirÃ¡-la com inÃ©rcia.

â€“ Quem Ã© vocÃª?

Ela pareceu perdida por um momento, atÃ© se curvar novamente.

â€“ Komori Yui... Uhm... â€“ olhou-o com certa expectativa, sem deixar-se enfraquecer pelo olhar frio que lhe era mandado.

â€“ NÃ£o sabe quem eu sou? â€“ seu rosto permaneceu inexpressivo.

â€“ Iie... Quero dizer... NÃ³s... JÃ¡ nos vimos antes?

Reiji franziu o cenho.

â€“ Insinua que alguÃ©m como eu seja tÃ£o inferior a ponto de desperdiÃ§ar meu tempo com menininhas desastradas como vocÃª?

â€“ NÃ£o! NÃ£o foi isso que eu... â€“ Yui comeÃ§ou a balanÃ§ar as mÃ£os em defesa, mas foi interrompida.

â€“ Sakamaki Reiji.

â€“ Uh...?

â€“ Me chamo Sakamaki Reiji.

ApÃ³s pronunciar seu nome completo, ele fechou os olhos, esperando que ela comeÃ§asse a bajulÃ¡-lo, ou que ao menos o temesse, como fazem todos.

QuÃ£o grande foi sua surpresa ao ver o sorriso franco que surgiu na face dela.

â€“ Muito prazer, Reiji-san.

Desta vez, ele nÃ£o pÃ´de evitar arquear as sobrancelhas, tendo certeza absoluta que era a primeira vez que um subalterno nÃ£o tinha o mÃ-nimo respeito de tratÃ¡-lo com o sufixo "sama".

â€“ Eu deveria ter uma conversa sÃ©ria com seus superiores por seu comportamento rude. â€“ disse em tom Ã¡spero.

â€“ O quÃª? Superiores? â€“ ela repetiu sem entender.

â€“ Posso perceber que alÃ©m de atrapalhada Ã© lerda.

â€“ Mas foi um acidente... â€“ o semblante de Yui foi tomado pelo arrependimento.

Ambos tiveram seu diÃ¡logo interrompido por uma voz que parecia vir de dentro da igreja.

â€“ Yui-chan, querida, onde vocÃª estÃ¡?

â€“ Mahoko-sensei... â€“ a loira sussurrou para si mesma, e em seguida, olhou para Reiji. â€“ Eu preciso ir.

ComeÃ§ou a correr em direÃ§Ã£o Ã igreja, suas sapatilhas pretas espirrando Ã¡gua para os lados sempre que a jovem pisava em uma poÃ§a. Abriu a grande porta de ferro, mas antes de entrar, gritou:

â€“ Desculpe novamente pelo que aconteceu! â€“ e, olhando nos olhos rubros dele uma Ãºltima vez, fechou a porta.

Quando teve certeza de que ela tinha entrado, Reiji permitiu-se liberar o ar que guardou em seus pulmÃµes. NÃ£o era sempre que tinha paciÃªncia para lidar com o comportamento inadequado de uma moÃ§a desnorteada.

"Mulher vulgar..." foi o Ãºnico comentÃ¡rio silencioso que seu cÃ©rebro liberou.

Quase no mesmo instante, uma buzina se manifestou.

O prodÃ-gio virou-se para ver uma limusine estacionada em frente ao parque. Percebeu o chofer saindo para abrir a porta traseira e, pegando o guarda-chuva encharcado do chÃ£o, andou atÃ© lÃ¡ e entrou, sem dizer uma palavra.

A caminho da mansÃ£o, Reiji tirou o casaco molhado e colocou-o em outro canto. Por mais que tentasse ignorar, era indiscutÃ-vel o calor que sua mÃ£o, a mesma que segurara a mÃ£o **dela**, emanava.

â€“ Que dia para resolver sair sem luvas... â€“ murmurou reflexivo, observando pela janela como o carro se afastava daquele humilde parque. Daquela modesta igreja.

Mas principalmente, daquela misteriosa mulher.

"Komori Yui, nÃ£o Ã©?"

2. DecadÃªncia

Ela escovava seus cabelos em frente ao espelho da escrivaninha, como sempre fazia apÃ³s se banhar. Os olhos cansados mal conseguiam permanecer abertos, mesmo que o sol mal tivesse sumido no horizonte. Mas quem poderia culpa-la por tal cansaÃ§o, pois, ao contrÃ¡rio dos cuidados com as sedosas mechas loiras, aquela tarde nada teve de costumeira.

Naquela manhÃ£, pouco depois de terminar suas rezas, partiu atÃ© o centro da cidade para fazer as compras necessÃ¡rias. NÃ£o deveria ser uma tarefa desgastante, na teoria, porÃ©m o fato de morar em um dos bairros mais distantes e ignorados da cidade, somando a falta de qualquer meio de transporte automobilÃ-stico, a tornava algo abominoso.

Mesmo sabendo dos tantos desconfortos, Komori Yui mantinha-se positiva, acreditando piamente que todo aquele esforÃ§o valia mais do que a pena para alimentar seus amigos, mentores e alunos. Fora ao centro, comprara todo o necessÃ¡rio para a prÃ³xima semana, alÃ©m de suprimentos a mais, para oferecer aos desabrigados que apareciam nas missas semanais ou aos menos afortunados que apareciam na praÃ§a procurando por abrigo e alimento.

A volta pra casa teria sido tÃ£o normal quanto a ida... Se nÃ£o fossem aqueles trovÃµes amedrontadores. A menina sentiu suas mÃ£os tremerem de tÃ£o somente lembrar tais sons ensurdecedores. Yui detestava trovÃµes, e os temia com toda a alma. Mas continuou andando - embora agora cambaleando um pouco, jÃ¡ que segurar sacolas pesadas enquanto se abre um guarda-chuva nÃ£o Ã© muito simples -. O temporal jÃ¡ se amenizava e a distÃ¢ncia entre a loira e a igreja era cada vez menor.

Na verdade, ela tinha acabado de pisar no parque quando...

O pente nÃ£o mais se movia sobre seu cabelo. Sua mÃ£o havia paralisado, e agora apertava o objeto com forÃ§a.

NÃ£o tinha ideia de como ou quando perdera a noÃ§Ã£o de para onde estava indo, mas sabia que tinha esbarrado em alguma coisa. Ou alguÃ©m.

"Reiji..." o nome do rapaz de cabelos acinzentados eclodiu em sua mente. Como era possÃ-vel que alguÃ©m de modos tÃ£o frios e palavras tÃ£o dolorosamente terrificantes a estava assombrando tanto?

Estava certa de que nunca o tinha visto antes. Um homem como ele nÃ£o passaria despercebido em nenhum lugar, tanto mais em uma Ã¡rea tÃ£o pequena e deserta da cidade. Ela nÃ£o falou com ele por mais do que alguns segundos, isso excluindo aquele embate vergonhoso, mas seu sexto sentido a dizia que nÃ£o era um cidadÃ£o qualquer.

"Ele me disse que o sobrenome era Sa... Saka... Argh! NÃ£o consigo lembrar direito!"

De repente, ouve-se batidas na porta do quarto.

â€“ Yui! Yui-chan! Ainda estÃ¡ tomando banho? â€“ a voz preocupada e levemente rouca de uma idosa faz a loira sorrir levemente.

â€“ JÃ¡ terminei, Mahoko-sensei! Estou apenas arrumando o cabelo.

â€“ Que Ã³timo, querida. Quando terminar, venha para baixo. Vosso pai deseja vÃª-la.

Ã€ menÃ§Ã£o de seu respeitado pai, Yui levantou do assento e comeÃ§ou a pentear o cabelo mais depressa.

â€“ Irei o mais rÃ¡pido que puder. Avise a ele que nÃ£o vou demorar.

â€“ SerÃ¡ um prazer.

O som de passos leves, mas ligeiros, alertou Yui de que sua mentora jÃ¡ se afastava da porta. Com os cabelos perfeitamente penteados e a sensaÃ§Ã£o de inquietaÃ§Ã£o incrementando-se pela pele, ela respira fundo e sai do quarto a caminho da escada.

No andar de baixo, uma figura masculina permanecia hirta diante da Ãºnica janela do cÃ´modo, que dava uma visÃ£o nÃ-tida da gotas de chuva teimosas agarradas ao vidro.

â€“ Papai...?

O homem virou-se e sorriu com a visÃ£o de sua amada filha, admirando com grande alegria que ela usava o vestido azul-escuro que costurara com as prÃ³prias mÃ£os dias atrÃ¡s, porque se recusou a gastar o dinheiro que economizara para a filantropia. Essa menina nÃ£o tinha ideia de como tanta humildade o orgulhava.

â€“ Venha, Yui. Pode se aproximar.

O escritÃ³rio de Komori Seiji ficava no primeiro andar, ao lado da cozinha. Era um aposento bagunÃ§ado, com livros no chÃ£o, papÃ©is espalhados desordenadamente sobre a mesa e fotografias enquadradas pelas paredes, a maioria retratos de Yui na infÃ¢ncia.

â€“ Queria falar comigo? â€“ ela perguntou, se aproximando.

â€“ Sim. â€“ ele assente â€“ Sobre esta tarde.

â€“ ...! â€“ a jovem engoliu em seco. Sabia que todos ficaram assustados ao vÃª-la chegar encharcada na igreja, mas ninguÃ©m havia feito nenhuma pergunta. Ainda.

Ela nunca conseguiria mentir para o pai.

â€“ Eu fiquei preocupado quando a mandaram para a cidade hoje. A previsÃ£o do tempo disse que a tarde seria nublada, mas... â€“ ele comeÃ§a a alombar as costas, para poder olhÃ¡-la nos olhos. â€“ Bem, me contaram que vocÃª chegou tÃ£o molhada...

Yui sentiu o coraÃ§Ã£o apertar. Suas suspeitas estavam certas: seus tutores a haviam entregado. Deu um suspiro para abrandar a frustraÃ§Ã£o e tentar ser racional. Sabia que todos no convento faziam de tudo pelo seu bem-estar.

"Eles contaram porque estavam preocupados comigo..." ela concluiu mentalmente, enquanto a frustraÃ§Ã£o era substituÃ-da por alÃ-vio.

JÃ¡ sentindo-se mais segura, a loira fez uma reverÃªncia.

â€“ Perdoe-me, Papai. VocÃª trabalha tanto e... Compra roupas pra mim com tanta dificuldade... E tudo o que eu faÃ§o Ã© destruÃ--las...! â€“ ela foi calada com o dedo indicador de seu pai encostando solenemente em seus lÃ¡bios.

â€“ Nunca mais repita isso, filha! O que aconteceu nÃ£o foi sua culpa, nÃ£o foi culpa de ninguÃ©m. Suas roupas nÃ£o sÃ£o um problema. Eu posso pessoalmente lavÃ¡-las para vocÃª.

â€“ D-De jeito nenhum! NÃ£o vou deixar vocÃª fazer isso! Eu mesma vou lavar. VocÃª nÃ£o tem que se preocupar com isso.

O homem sorriu e acariciou o topo da cabeÃ§a da filha.

â€“ Nesse caso, nÃ£o tenha pressa. VocÃª chegou exausta e merece descansar.

â€“ Obrigada, Papai. â€“ ela o abraÃ§ou, e os braÃ§os de Seiji a rodearam com ternura paterna. â€“ JÃ¡ anoiteceu, entÃ£o vou preparar a aula de amanhÃ£ e depois descer para ajudar com o preparo do

jantar. â€“ se separou do pai e comeÃ§ou a caminhar atÃ© a porta.

Seiji ficou tenso por alguns segundos, e levantou a voz antes que ela deixasse o escritÃ³rio.

â€“ ... Yui!

â€“ Sim? â€“ ela deteve-se antes de fechar completamente a porta.

â€“ ... Nada, deixe pra lÃ¡. VÃ¡, vocÃª precisa de repouso. Eu vou chamÃ¡-la quando as cozinheiras precisarem de auxÃ-lio.

Ela assente e deixa o cÃ´modo.

No segundo em que ela fica fora de seu campo de visÃ£o, o homem apoia uma das mÃ£os na mesa e passa a outra pela nuca, suspirando abafadamente.

Yui arrumou a cama e varreu o chÃ£o de seu quarto com o coraÃ§Ã£o a bater mais devagar do que antes. Como ficara grata por seu pai nÃ£o ter feito nenhuma pergunta sobre _aquilo_. Teve tanto medo... De que, talvez, alguÃ©m tivesse visto o verdadeiro motivo pelo qual ela se molhou, pelo qual se atrasou. O motivo de todo este alvoroÃ§o tinha nome: incompetÃªncia. Se ela e aquele rapaz nunca houvessem se colidido, sua mente nÃ£o estaria tÃ£o absorta.

Uma voz em sua cabeÃ§a, provavelmente vinda de seu bom-senso, perguntou: Por que se preocupar com isso? Afinal de contas, nÃ£o Ã© nada de mais. Seres humanos estÃ£o sempre se esbarrando e passando por desencontros, trata-se de uma situaÃ§Ã£o ordinÃ¡ria. NÃ£o conseguia entender por que estava tÃ£o alarmada. Seria porque ela a repreendera severamente? Ou talvez porque ela nÃ£o estivesse acostumada a ser tratada com frieza? Ou o mais provÃ¡vel... Porque cada detalhe que ela conseguira captar _dele_ simplesmente nÃ£o paravam de vir Ã tona em seus pensamentos?

â€“ Devo estar realmente precisando dormir... â€“ sussurrou, concluindo internamente que era a Ãºnica resposta plausÃ-vel.

Terminou a limpeza e foi para o andar de baixo guardar a vassoura e o espanador. Estava saindo da Ã¡rea de serviÃ§o quando ouviu um grito vindo de um aposento prÃ³ximo.

â€“ NÃ£o podemos continuar assim!

A garota correu para o lugar de onde a voz emanava, e enquanto se aproximava, outra diferente se expÃ´s.

â€“ Pretende ficar de braÃ§os cruzados?

Ela finalmente ficou frente Ã porta do quarto de onde tantos brados saÃ-am, e se assustou ainda mais ao perceber que tratava-se do escritÃ³rio de seu pai. Estava prestes a tocar na maÃ§aneta quando uma terceira voz, que conhecia muito bem, disse algo que a fez congelar.

â€“ Fiquem quietos ou Yui poderÃ¡ nos escutar!

"Papai...?" aquela voz era inconfundÃ-vel. Yui poderia compreendÃª-la facilmente, ainda que o padre nÃ£o tivesse gritado, mas dito em um tom Ã¡spero.

â€“ Encare os fatos, Seiji, nÃ£o pode esconder isso dela pra sempre.

Essa voz era de Amaya, uma das freiras. Agora compreendia. Mas nÃ£o se surpreendeu de nÃ£o ter percebido antes, jÃ¡ que nunca a tinha ouvido gritar na vida.

LÃ¡ dentro, um certo homem de olhos cor-de-avelÃ£ respirava com dificuldade, afastando do rosto gotas de suor que insistiam em cair de seus cabelos castanhos.

â€“ NÃ£o quero falar sobre isso agora. â€“ ele disse, desviando o olhar dos colegas.

â€“ Quanto mais procrastinar isso, mais difÃ-cil serÃ¡ aceitar. â€“ um idoso de cabelos brancos e olhos acinzentados, cuja voz Yui reconheceu ser do reverendo Atsushi, falou fracamente. â€“ NÃ£o hÃ¡ esperanÃ§a.

â€“ HÃ¡ sim! Tem que ter!

â€“ Abra os olhos, Seiji! â€“ Amaya tomou frente e fitou o padre, exibindo cÃ³lera a cada palavra. â€“ NÃ£o hÃ¡ o que fazer! Todas as nossas economias chegaram ao fim, a cada dia resgatamos mais uma crianÃ§a das ruas para termos o trabalho de vestir e alimentar, o governo nÃ£o dÃ¡ a mÃ-nima para o que acontece conosco e os fiÃ©is tÃªm seus prÃ³prios problemas financeiros, nÃ£o podemos pedir que doem dinheiro. Acabou!

Yui sentiu o mundo todo comeÃ§ar a girar ao seu redor. Quanto mais ouvia, mais sentia que ia desabar.

â€“ Teremos que vender a igreja. â€“ decidiu Atsushi como se declarasse que nÃ£o existiam mais opÃ§Ãµes.

â€“ NÃ£o... Eu posso tentar outra coisa... Posso tentar trabalhar em outro lugar... Podemos vender algumas coisas... Posso tentar negociar com o governo novamente... â€“ Seiji murmurava ao mesmo tempo em que lutava para nÃ£o chorar. â€“ NÃ£o posso... Essa igreja Ã©... Eu simplesmente nÃ£o posso...

A jovem de olhos escarlate ouvia a voz chorosa do pai com a orelha encostada na porta. Parte dela estava tentada a abri-la e correr para abraÃ§Ã¡-lo. Mas nÃ£o conseguia, por estar tendo suas prÃ³prias dificuldades para assimilar tudo o que acabara de ouvir.

No quarto, Atsushi se aproximou do amigo e pÃ´s a mÃ£o esquerda em seu ombro.

â€“ NÃ³s jÃ¡ fizemos algumas ligaÃ§Ãµes. Os corretores virÃ£o dar uma olhada em seis dias. VÃ¡rios parecem interessados em comprar o terreno do parque tambÃ©m. Mas para que qualquer compra aconteÃ§a...

â€“ ... Ã‰ preciso que vocÃª assine o contrato. â€“ Amaya completou,

cruzando os braÃ§os solenemente.

SÃºbito, o silÃªncio predominou, tanto dentro quanto fora do quarto. Uma menina cujos olhos estavam submersos em lÃ¡grimas permanecia estÃ¡tica, incapaz de executar qualquer movimento.

â€“ ... EstÃ¡ bem. Eu farei isso.

Finalmente, aquilo tornou-se mais do que Yui fosse capaz de suportar. Com passos lentos, afastou-se da porta e caminhou atÃ© as escadas, a franja caÃ-da sobre sua face inexpressiva.

No escritÃ³rio de Seiji, a discussÃ£o parecia ter encontrado seu fim: uma sentenÃ§a inevitÃ¡vel. Mas o dilema com que o padre estava preocupada era outro.

â€“ Como posso contar isso a ela?

â€“ A Yui jÃ¡ nÃ£o Ã© mais crianÃ§a. Ã‰ perfeitamente capaz de entender uma dificuldade financeira. â€“ Atsushi falou sabiamente.

â€“ Ah, nÃ£o Ã© tÃ£o simples assim, Atsushi. Ela ama este lugar. Consigo lembrar da primeira vez que a ensinei a rezar. Ela passou a tarde toda repetindo a mesma oraÃ§Ã£o para guardÃ¡-la na memÃ³ria. â€“ os olhos de Amaya suavizaram de nostalgia.

â€“ Se eu contar... â€“ Seiji tomou nas mÃ£os um porta-retratos com uma foto dele abraÃ§ando Yui quando esta completou quatorze anos. â€“ Ela vai me odiar.

â€“ NÃ£o estÃ¡ falando coisa com coisa, Seiji. Yui jamais odiaria vocÃª.

â€“ Amaya tem razÃ£o. â€“ concordou Atsushi. â€“ VocÃª Ã© um excelente pai.

â€“ Yui ama vocÃª demais. Claro, ela vai ficar chateada, mas entenderÃ¡ que nÃ£o Ã© sua culpa.

O padre virou para trÃ¡s e apoiou as mÃ£os na mesa.

â€“ Saiam, por favor.

Ambos freira e reverendo deixaram o cÃ´modo, sabendo que o ideal naquele momento era deixar o amigo organizar seus pensamentos.

Seiji fitou a parede branca, deixando as lÃ¡grimas que prendia nos olhos se libertarem e comeÃ§arem a deslizar por seu rosto. Estavam errados. Era sim, culpa dele.

HÃ¡ cerca de trÃªs anos, ele previra a partir de cÃ¡lculos e especulaÃ§Ãµes de gastos que a parÃ³quia passaria por uma crise. Cada vez mais desabrigados apareciam, cada vez menos dinheiro arrecadavam. Mesmo que, na Ã©poca, ele soubesse que eventualmente as coisas iriam de mal a pior, nÃ£o deu importÃ¢ncia. Talvez porque estivesse absorvido demais pela felicidade que era ver a filha crescendo e comeÃ§ando a tomar conta da igreja com tanto cuidado quanto ele.

Mas isso nÃ£o era desculpa. Fora descuidado, negligente e desmazelado

ao pensar que tanta ventura seria permanente. Agora, todos sofreriam por suas aÃ§Ãµes.

Como ele poderia ter a cara-de-pau para contar isso a ela?

Subindo a segunda leva de escadas, Yui cambaleava, nÃ£o sentindo direito nenhuma das pernas. Seus olhos fitavam o chÃ£o, e a Ãºnica coisa que a guiava era seu dolorido coraÃ§Ã£o.

Venderiam a igreja, era a Ãºnica certeza que ela pÃ´de levar daquela conversa. Seu lar desde que se entendia por gente. Depois de anos correndo por aqueles corredores, sentindo o sol tocar sua pele na escadaria da frente, admirando os canteiros de flores da janela do quarto... Ela simplesmente nÃ£o conseguia se imaginar vivendo em outro lugar.

Sacudiu a cabeÃ§a para desviar uma preocupaÃ§Ã£o tÃ£o egoÃ-sta. Estava sendo presunÃ§osa preocupando-se somente consigo mesma. E quanto aos discÃ-pulos, os sacerdotes, Ã s freiras, aos fiÃ©is e Ã s...

â€“ CrianÃ§as...

Voltou Ã si, estava em frente ao quarto delas. Um deles, pois eram tantos que foram necessÃ¡rios outros dois, que diferentes deste, ficavam no segundo andar.

Abriu a porta com a maior calma possÃ-vel para o momento. As dobradiÃ§as fizeram um leve rangido, mas nÃ£o alto o suficiente para acordar nenhum dos pequeninos. Yui olhou com muito cuidado a face de cada um. Dormiam tranquilamente, seus peitos subindo e descendo vagarosamente, pela respiraÃ§Ã£o, denunciavam o quÃ£o profundo era seu sono.

A loira contou as camas e o nÃºmero de crianÃ§as, as respostas sendo respectivamente onze e dezesseis, jÃ¡ que algumas dividiam a cama com outros. Yui amava cada um deles como uma mÃ£e. Todos. Uma pontada em seu coraÃ§Ã£o a fez se lembrar de estas eram especificamente as crianÃ§as de sua primeira aula do dia seguinte.

A primeira de muitas lÃ¡grimas escorregou de seus olhos enquanto ela fechava a porta. Tanta alegria... Tanta fÃ©... NÃ£o teriam para onde ir...

SerÃ¡ que seu pai nÃ£o parou pra pensar nisso?! Ele ia mesmo desistir de tudo?! Ia deixar que tanta preciosidade fosse perdida?!

Tanto a ira quanto a decepÃ§Ã£o tomaram seus sentidos. NÃ£o conseguia aceitar que aquilo acontecesse, e pior, que seu prÃ³prio pai estivesse se rendendo tÃ£o desonradamente! Se ele nÃ£o podia fazer isso por ela ou por qualquer morador dali, que fizesse por _Ele_.

â€“ Kami-sama... â€“ ela clamou, tentando enxugar as lÃ¡grimas.

Dois andares abaixo, uma voz comeÃ§ou a berrar:

â€“ Yui! Yui, venha pra baixo, Ã© hora do jantar!

E mais uma vez, Yui congelou. Era Seiji.

"... NÃ£o!"

Saiu correndo atrÃ¡s da prÃ³xima escadaria, quase tropeÃ§ando a cada degrau pelo qual passava. Quando chegou ao quinto andar, a mesma voz chegou aos seus ouvidos, e parecia mais prÃ³xima.

â€“ Yui! Onde vocÃª estÃ¡?

A garota sentiu-se num beco sem saÃ-da, atÃ© que percebeu algo que balanÃ§ava dentro do bolso do vestido. Era uma das chaves que havia se soltado do aro quando a Ã¡rea de serviÃ§o foi trancada. Yui se apressou em ler a etiqueta da chave: CAMPANÃ•RIO.

Era isso! Ela iria para a torre do sino, o Ãºltimo piso.

AtÃ© lÃ¡, era uma sÃ©rie incontÃ¡vel de escadas, mas ela corria com tanto desespero que chegou ao topo em menos de vinte segundos. Trancou a pequena porta de ferro e se viu frente a frente com um imenso sino e uma sacada que exibia perfeitamente o cÃ©u estrelado.

JÃ¡ a salvo, Yui encostou na parede de frente para a sacada e deixou-se escorregar atÃ© o chÃ£o, onde abraÃ§ou suas pernas e permitiu-se chorar, sem conter as lÃ¡grimas nem os gemidos e soluÃ§os. Seus olhos e bochechas tornaram-se vermelhos e sua pele novamente encharcada, sÃ³ que desta vez, por lÃ¡grimas da mais densa tristeza.

Secou os olhos por um momento e olhou para o cÃ©u. Era noite de lua crescente, e o brilho incandescente que tamanha beleza exalava foi capaz de fazer a adolescente aluÃ-da se levantar para observÃ¡-la melhor. E, ao sentir tal brilho chegar a seus olhos, lembrou-se de algo. Mexendo outra vez no bolso do vestido, encontrou o que procurava.

Seu crucifixo.

Admirou o objeto por algum tempo antes de colocÃ¡-lo em seu pescoÃ§o. Segurou-o firme com uma das mÃ£os, e secou as lÃ¡grimas com a outra. Sua expressÃ£o nÃ£o apresentava mas tristeza, e sim determinaÃ§Ã£o. Fitou o cÃ©u com a coragem estampada nos olhos.

â€“ NÃ£o se preocupe, Kami-sama, eu nÃ£o vou desistir. Darei um jeito em tudo. NÃ£o permitirei que ninguÃ©m sofra! â€“ suas palavras eram tÃ£o decididas quanto seus pensamentos.

Ela conseguiria o dinheiro e salvaria a igreja e todos que nela vivem. Tinha certeza. NÃ£o era mas sÃ³ por ela mesma, nÃ£o era mas sÃ³ pelas crianÃ§as, nÃ£o era mas sÃ³ por seu pai.

Agora, era tambÃ©m por Kami-sama. E ela nÃ£o iria decepcionÃ¡-lo.

End
file.